

## ***Push: entre a experiência e a representação da violência sexual***

Doutoranda Marina Barbosa de Almeida (UFSC)

### ***Resumo:***

*Este trabalho examina o potencial do texto literário em causar choque ou, segundo Marco Abel (2007), a arte como um evento violento. Neste encontro há uma suspensão do julgamento, uma pausa momentânea que evita a transformação da experiência da violência em uma representação da violência. Desta forma, o texto se torna um espaço de desconforto onde o leitor poderá questionar suas interpretações e julgamentos morais. Aqui um texto é entendido como violento não apenas devido ao seu conteúdo e narrativa, mas também devido à experiência estética proporcionada ao leitor. Tal característica é presente em Push de Sapphire (1996). O leitor acompanha a trajetória de Precious ao mesmo tempo que constrói novos significados para ela e para si próprio. O encontro violento com o texto literário subverte valores e oferece a possibilidade de sentirmos novas sensações e criamos novos significados.*

***Palavras-chave:*** texto, leitura, afeto, representação da violência.

### ***Introdução:***

Imagens têm força e fazem coisas, mas elas não – pelo menos não primeiramente – carregam ou representam significado. Imagens funcionam através de suas intensidades e afetos constitutivos ao invés de representarem algo de maneira que possa ou não ser justo e/ou justificado. Desta forma, a pergunta a ser feita não indaga “O que a imagem significa?” e sim “Como a imagem funciona?” e “O que a imagem faz?” (ABEL, 2007, p. 47 tradução minha)

Marco Abel em *Violent Affect: Literature, Cinema, and Critique after Representation* (2007) apresenta uma metodologia na qual narrativas de violência na literatura e no cinema são abordadas em termos da intensidade das imagens e não sua representação e significado. Em termos das sensações que tais imagens são capazes de despertar no leitor ou espectador. Para Abel, a questão a respeito de o que são imagens violentas e o que estas são capazes de fazer deve estar à frente da idéia de que imagens violentas são, como qualquer outra imagem, **representações** e, por isso, interpretadas como o que elas representam e significam em nossa cultura. Inspirado pelo pensamento de Gilles Deleuze, Abel propõe um engajamento crítico com narrativas violentas e sobre violência em termos de sensações, choque e afeto. Abel pergunta: “Como podemos escrever sobre afeto e intensidade uma vez que fomos treinados para responder à literatura e ao cinema em termos de representação, significados e verdade?” (ABEL, 2007, p. 48 minha tradução).

Em outras palavras, para Abel, nosso hábito e vontade de explicar e compreender acaba prejudicando nossa capacidade de sentir e perceber o que ele chama de **afeto**. Como define Brian Massumi (2002), afeto é diferente de emoção apesar de ambos serem entendidos como intensidade. Afeto é intensidade não qualificada enquanto emoção é uma intensidade qualificada (p.27-28). Emoção é um sentimento, um estado que emerge da experiência pessoal

e é nomeado por quem sente. Diferentemente, afeto não é qualificado e difícil de ser reconhecido. Afeto emerge **do** corpo e “**entre** corpos sem a interferência ou limitações da consciência, ou representação: por este motivo, a força do afeto é, estritamente falando, pré-pessoal” (PAPOULIAS AND CALLARD, 2010, p. 35).

Abel acredita que nosso desejo em transformar afeto em significado e representação age em detrimento de nossa “capacidade de resposta” a “força afetiva da violência” (p. 48 minha tradução) e, de certa maneira, em detrimento da nossa capacidade de responder e reagir à arte violenta em geral. Encontros afetivos provocados por um romance, um filme, uma obra de arte, proporcionam a oportunidade de transformação e criação – diante do desconhecido, do não-familiar, algo novo e diferente pode ser produzido. Afinal, qualquer julgamento ou crítica que pretenda encontrar a verdade de um evento acaba interferindo na criação de algo novo, pois o evento acaba sendo compreendido de acordo com pontos de vista já existentes.

De acordo com esta proposta, Abel argumenta que eventos violentos (imagens de violência, narrativas visuais e textuais de atos extremos de violência) devem ser abordados em termos de sua força e afeto e não em termos de sua representação (sua dimensão discursiva). Este processo de percepção e interpretação transforma eventos em outra coisa e em algo a mais. Quando atribuímos um significado a um evento (ou a qualquer objeto), este significado se torna o significado do evento. Como o sujeito que reage ao evento está fora do evento, ele acaba reduzindo o evento ao seu ponto de vista.

Inspirado na obra de Deleuze, Abel propõe *masocriticism*<sup>1</sup>, ou a lógica de suspensão do julgamento. Aqui julgamento e significado são postergados para que eventos violentos possam ser percebidos em termos de sua singularidade e irreducibilidade. Para Abel, ao intensificarmos o momento de incerteza e dúvida - ao invés de propormos uma resposta, mesmo que convincente - somos forçados a nos render a um momento de violência, por ele chamado de *violence of sensation* (violência da sensação) (p. 185).

A incorporação da incerteza, chamada por Abel de **violência da sensação**, consiste em um encontro afetivo (violento) uma vez que confronta nossa capacidade de responder, de oferecer uma resposta verbal e construir conhecimento. Desta forma, a sensação violenta da incerteza – que é um momento de violência que pode ocorrer dentro do momento de violência do evento – nos confunde e nos frustra, suspende nosso presente e direciona nossa experiência para o futuro, para o novo. A **violência da sensação** pertence ao que Deleuze chama de “o reino do inteligível” (DELEUZE, 1991, p. 22 minha tradução) que é, por sua vez, um espaço onde processos de “ensaio, disfarce e reduplicação” (p. 16 minha tradução) permitem que novas formas de pensar, de sentir e uma linguagem totalmente original surjam. A incerteza e a total rendição do sujeito à experiência é, para Deleuze, a pré-condição para que o novo seja criado (DELEUZE, 1997). Dentro desta abordagem, Abel entende encontros afetivos como carregados com o potencial de desestabilizar a posição do sujeito.

---

1 De acordo com Gilles Deleuze em *Masochism: Coldness and Cruelty* (1991), espera, atraso e suspense fazem parte da experiência masoquista. A suspensão do julgamento e a incerteza são características do encontro masoquista. Segundo Deleuze, neste encontro o masoquista inicialmente não sabe se seu parceiro será um homem ou uma mulher; “ele não tem certeza, no final, se ele é uma ou duas pessoas, nem sabe durante o encontro qual parte sua esposa irá tomar, mas ele está preparado para qualquer coisa (...)” (p. 22 tradução minha). Para o masoquista realizar seu desejo, ele depende da aceitação de um (a) parceiro (a) (quem irá agir de acordo com as regras e instruções do masoquista). A lógica do masoquista demanda a educação e persuasão de outro (o (a) parceiro (a)) através de uma aliança ou acordo. Contrário a esta lógica é o sadismo. Aqui existe somente os desejos do sádico afirmados sobre a vítima que, devido a falta de consentimento e sua posição de subjugação, é ainda mais desejada pelo sádico.

Resumindo, para Abel, a suspensão do julgamento, de uma explicação rápida, que tende a ser fruto de categorias familiares, transfere nossos investimentos de um registro para outro: da violência sentida ao darmos valor moral a um objeto ou evento para a vertigem sentida em um encontro onde o eu não está em controle (mesmo que tal sensação de controle seja ilusória). Esta última consiste na sensação de violação do eu. Esta sensação de estranhamento, por sua vez, carrega o potencial para o novo, para novas formas de percepção de objetos e indivíduos. A violência da sensação (o momento de incerteza) pode oferecer um espaço para a reconfiguração das nossas respostas habituais e para a criação de algo novo.

Eu quero usar o método de Abel para a leitura de *Push* (1996) de Sapphire; abordar este texto como um encontro carregado de o que Abel chama a **violência da sensação**. Minha tese é que Sapphire cria em *Push* um espaço para leitores sentirem a violência da sensação causada pelo momento de incerteza. O tratamento da temática da violência e do abuso sexual deixa para os leitores a opção de dar significado ou não aos eventos contados pela protagonista, imaginar ou não resoluções para o que aconteceu com ela. Sapphire constrói uma narrativa que requer do leitor uma pausa, um atraso ou, como propõe Abel, a suspensão de seu julgamento. Durante o ato de leitura, leitores precisam suspender julgamentos morais para que continuem a leitura e cheguem ao final do texto.

### ***Push:***

Em *Push* lemos a história de Claireece Precious Jones, contada por ela mesma em seu diário e através de seus poemas. Precious, como ela gosta de ser chamada, é uma adolescente negra de 18 anos do Harlem, que recebe benefícios sociais e pensão alimentícia do estado. Ela é obesa, analfabeta e acabou de ser expulsa da escola por estar grávida. Este é seu segundo filho de seu pai. Aos doze anos ela teve Little Mongo (uma menina com síndrome de Down), que é criada por sua avó materna. O bebê atual é chamado Abdul e, apesar da gravidez conturbada de Precious, nasce saudável. Precious é estuprada pelo seu pai desde os três anos de idade e abusada de todas as formas possíveis por sua mãe, com quem ela mora. Após o nascimento de Abdul Precious descobre que é soropositiva, mas felizmente seus filhos não possuem o vírus. A história se passa no Harlem em Nova Iorque nos anos 80 e início dos 90.

A narrativa começa com a frustração e raiva de Precious por ter sido expulsa da escola, o que para ela é injusto, pois **ela** não fez nada de errado. Ela está três anos atrasada na escola e, apesar de revelar que todas as páginas de seus livros parecem iguais, tem orgulho de sempre ter recebido elogios e notas boas de seus professores. Isolada dos colegas e vítima de *bullying*, Precious sonha com o dia em que algo irá acontecer na sua vida e tudo mudará como nos filmes e vídeos que ela assiste na TV. Após ser expulsa da escola a diretora encaminha Precious para uma escola alternativa, *Each One Teach One* (uma espécie de supletivo) somente para garotas com foco em leitura, escrita e matemática. Nesta escola ela conhece a professora Blue Rain e pela primeira vez faz amizade com as colegas. Parte das atividades e tarefas de classe consiste em escrever sobre sua vida e passado em um diário, que é lido, corrigido e questionamentos são respondidos pela professora.

Este diário é o texto que lemos e a primeira vez em que Precious encontra um espaço para contar sua história, sua versão dos fatos e dos dados escritos nos arquivos da escola e do serviço social. É também onde ela escreve sobre os abusos que sofreu em casa e tenta, aos poucos, dar significado a esta experiência e a violência sofrida. Para Precious, a experiência de estupro e de abuso sexual é terrível, dolorosa, cheia de raiva e rancor; mas é também uma

experiência cercada de sensações de prazer físico. Orgasmo e dor são sentidos simultaneamente. Dissociação, fantasia e desejo também. O ódio pelo seu pai serve de base para os desejos e fantasias românticas e sexuais.

Na sua narrativa, a construção do conhecimento (da subjetividade, da sexualidade, e a compreensão dela como indivíduo, filha, amiga, mãe) acontece na tensão entre emoção e razão; sendo impossível distinguir onde afeto termina e linguagem começa. Sim, é através da escrita que Precious forja seus significados e dá sentido ao que aconteceu e ao que acontece em sua família, escola, comunidade; onde ela aprende a respeito de quem é, o que ela é para o serviço social, e nos revela quem ela é. Nesta construção da subjetividade e identidade Precious força leitores a questionar suas respostas habituais e seus pontos de vista. Quanto mais Precious conta sobre sua vida e seu passado, quanto mais significado ela dá aos abusos e dor sofridos, mais difícil é para leitores alcançarem uma resolução. A narrativa de Precious sugere que leitores (e o serviço social) precisam transformar suas estruturas de respostas habituais, seus pontos de vista que, apesar de bem intencionados, são fundamentados em um discurso que coloca a singularidade de existência de Precious como o outro. Um outro que além de diferente é também (e principalmente) estranho, feio, incômodo, até inexistente.

Em *Push*, violência, abuso e dor desconcertam personagens e leitores. Precious sofre com a confusão causada pela falta de confiança em sua mãe (que é cúmplice de seu pai); na escola que nega (ao não querer ver) o abuso doméstico e sexual; no hospital e na polícia que decidem não investigar o caso de estupro e incesto; na vizinha que ignora a gravidez e as surras sofridas por Precious. Um sistema multidimensional de violência e dor é revelado aos leitores enquanto Precious narra o que aconteceu com ela e consegue, de certa forma, reagir à violência e aos seus agressores. Neste processo de construção de significado, a complexa relação entre mente e corpo, razão e emoção, é exposta. Em sua narrativa de estupro, incesto e dor é impossível separar categorias opostas. Precious é traída pelo seu próprio corpo quando estuprada pelo seu pai. Ela é simultaneamente aterrorizada pelo ato, capaz de dissociar-se do presente momento, e juntamente com dor física sentir prazer sexual. Como descrevem os fragmentos abaixo:<sup>2</sup>

*This time I know Mama know. Umm hmmm, she know. She bring him to me. I ain' crazy, that stinky hoe give me to him. Probably thas' what he require to fuck her, some of me. Got to where he jus' come in my room any ole time, not jus' night. He climb on me. Shut up! he say. He slap my ass, You wide as the Mississippi, don't tell me a little bit of dick hurt you heifer. Git usta it, he laff, you is usta it. I fall back on bed, he fall right on top of me. Then I change stations, change bodies, I be dancing in videos! In movies! I be breaking, fly, jus' a dancing! Umm hmm heating up at the stage at the Apollo for Doug E. Fresh and Al B. Shure. They love me! Say I'm one of the best dancers ain' no doubt of or about that!*

“I'm gonna marry you,” he be saying. Hurry up, nigger, shut up! He mess up dream talkin' 'n gruntin'. First he mess up my life fucking me, then he mess up the fucking talkin'. I wanna scream. Oh shut up! Nigger, how you gonna marry me and you is my daddy! I'm your

2 Devido à importância da forma da escrita de Precious para leitura de seu diário, resolvi manter o texto original em inglês e não oferecer tradução.

daughter, fucking me illegal. But I keep my mouf shut so's the fucking don't turn into beating. I start to feel good; stop being a video dancer and start coming. I try to go back to video but coming now, rocking under Carl now, my twat jumping juicy, it feel good. I feel ashamed. "See, see," he slap my thigh like cowboys do horses on TV, the he squeeze my nipple, bite down on it. I come some more. "See, you LIKE it! You jus' like your mama – you die for it!" He pull his dick out, the white cum stuff pour out my hole wet up the sheets. (SAPPHIRE, 1996, p. 24-25)

*I try to forget I got baby in me. I hate borning the first one. No fun. Hurt. Now again. I think my daddy. He stink, the white shit drip off his dick. Lick it lick it. I HATE that. But then I feel the hot sauce hot cha cha feeling when he be fucking me. I get so confuse. I HATE him. But my pussy be popping. He say that, "Big Mama your pussy is popping!" I HATE myself when I feel good. (p. 57-58)*

*I tell counselor I can't talk about Daddy. Daddy sick me, disgust me, but still he sex me up. I nawshus in my stomach but hot tight in my twat and I think I want it back, the smell of the bedroom, the hurt – he slap my face till it sting and my ears sing separate songs from each other, call me names, pump my pussy in out in out in out awww I come. He bite me hard. A hump! He slam his hips into me HARD. I scream pain he come. He slap my thighs like cowboys do horses on TV. Shiver. Orgasm in me, his body shaking, grab me, call me Fat Mama, Big Hole! You LOVE it! Say you love it! I wanna say I DON'T. I wanna say I'm a chile. But my pussy popping like grease in frying pan. He slam in me again. His dick soft. He start sucking my tittie. I wait for him get off me. Lay there stare at wall till wall is a movie, Wizard of Oz, I can make that one play anytime. Michael Jackson, scarecrow. Then my body take me over again, like shocks after earthquake, shiver me, I come again. My body not mine, I hate it coming. Afterward I go bafroom. I smear shit on my face. Feel good. Don't know why but it do. I never tell nobody about that before. But I would do that. (p. 111-112)*

Os fragmentos acima ilustram o trauma e a intensidade da confusão de Precious. Os episódios de violência sexual são narrados em uma combinação entre fantasia e realidade – a dissociação de Precious e a realidade do estupro e das surras. As sensações físicas confundem Precious e surpreendem leitores que, ao concordarem em ler o texto, são solicitados a postergarem a conclusão óbvia: que estupro é terrível, traumático e doloroso.

Como diria Abel, leitores devem suspender seu julgamento momentaneamente, talvez secretamente desejando que a confusão de Precious termine, ou esperando que os episódios sejam narrados somente com foco na violência e no horror do estupro. Em *Push* o estupro é certamente terrível, traumático e doloroso, mas não somente isso, pois também existe um

elemento de prazer sexual. Precious dá o nome de orgasmo – o que coloca novas questões e traz incerteza a um tema comumente abordado de forma definitiva em relação a sua negatividade.

Além disso, é através do estupro e do incesto – as únicas experiências sexuais de Precious – que ela forja suas opiniões e valores a respeito do amor, sexo e prazer. Quando ela fantasia sobre uma relação romântica, ela toma suas sensações físicas como algo que ela gostaria de sentir novamente com um companheiro e/ou amante. Os significados dados por Precious ao amor, sexualidade e prazer desafiam noções de normalidade, uma vez que estupro e incesto não aparentam ter um significado determinado e fixo (LEVINSON, 2001). Sua experiência sexual (de violência, dor e dissociação) serve como fonte de conhecimento complicada por suas sensações e afeto. No entanto, estupro e incesto também significam o que é inaceitável no discurso ético e da normalidade norte-americano. A confusão gerada pelo prazer sexual da vítima é uma característica da narrativa de Precious. Por um lado, ela é influenciada pelos padrões normativos e aceitáveis de heterossexualidade e visões românticas a respeito do sexo a partir dos vídeos e programas de TV que ela assiste. Por outro lado, sua própria experiência sexual excede qualquer narrativa convencional não apenas de estupro, mas de amor e ódio, desejo, prazer e dor.

## Conclusão:

O diário de Precious acaba reescrevendo a história ao resignificar estupro, sexualidade e amor. Não há resoluções nem o restabelecimento de opostos binários. Ao mesmo tempo que acompanhamos as tentativas de Precious em forjar seu próprio destino, acompanhamos a desestabilização de conceitos e valores. As sensações de Precious se misturam com seu medo, ódio e incompreensão – a violência atua como sensação, choque, e não como representação. De forma significativa, quanto mais Precious tenta descrever sua história de violência e o sofrimento, mais difícil fica para o leitor alcançar um significado. O leitor acompanha a trajetória de Precious enquanto constrói novos significados para ela e para si próprio. O encontro violento com o texto literário subverte valores e oferece a possibilidade de sentirmos novas sensações e criamos novos significados. Há a frustração de uma explicação, de uma narrativa convencional e fácil. Aos leitores não é dado um final onde os opressores de Precious são punidos ou talvez redimidos. Ao lermos *Push* somos convidados a confrontar sentimentos individuais (nossos e de Precious) e os investimentos afetivos envolvidos em nossas construções de significado, de nossa subjetividade, do mundo.

Inspirados na metodologia de Marco Abel, *Push* é abordado a partir de seu potencial em causar sensações, choque; e o ato de leitura é entendido como um evento potencialmente violento. leitura de *Push*, ao leitor é solicitada a suspensão do julgamento, uma pausa momentânea que evita a transformação da **experienciada** violência em uma **representação** da violência. Desta forma, a narrativa de Precious se torna um espaço de desconforto, pois o eu do leitor é violado em sua capacidade de reagir com respostas e explicações. Se pensarmos que a literatura tem o potencial de aumentar a capacidade humana de imaginação, de provocar ruídos e perturbar e, assim, abrir caminho para o desconhecido, o texto literário aqui se torna um espaço onde leitores podem se colocar imaginativamente no lugar do personagem, como sugere Peter Brooks (2009), e também um espaço que permite uma reflexão capaz de movimento e transformação.

### **Referências Bibliográficas:**

ABEL, Marco. **Violent Affect: Literature, Cinema, and Critique after Representation**. Lincoln and London: University of Nebraska Press, 2007.

BROOKS, Peter. **Reading for the Plot: Design and Intention in Narrative**. (1984) Cambridge: Harvard University Press, 1992.

\_\_\_\_\_. “Death in the First Person”. In: SARAT, Austin; CULBERT, Jennifer L. (orgs.) **States of Violence: War, Capital Punishment and Letting Die**. New York: Cambridge University Press, 2009, p. 229-244.

DELEUZE, Gilles. VON SACHER-MASOCH, Leopold. **Masochism: Coldness and Cruelty & Venus in Furs**. Trad. Jean McNeil. New York: Zone Books, 1991.

\_\_\_\_\_. “To Have Done With Judgment”. In: **Essays Critical and Clinical**. Trad. Daniel W. Smith and Michael Greco. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997, p. 126-135.

LEVINSON, Brett. “Feeling, the subaltern and the organic intellectual”. In: **Angelaki Journal of the Theoretical Humanities** 6.1 (April 2001), p. 65-74.

MASSUMI, Brian. **Parables for the Virtual: Movement, Affect, Sensation**. Durham and London: Duke University Press, 2002.

PAPOULIAS, Constantina. CALLARD, Felicity. “Biology's Gift: Interrogating the Turn to Affect”. In: **Body and Society** 16.1 (March 2010), p. 29-56.

SAPPHIRE. **Push**. London: Vintage, 1996.